



EUA-ITÁLIA

Aliança abalada

Donald Trump afirma que a italiana Giorgia Meloni implorou para tirar foto com ele. Primeira-ministra denuncia "declarações fabricadas" do presidente norte-americano e cancela viagem oficial de seu chanceler a Washington

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma declaração do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni, estremeceu a relação entre dois aliados políticos, ideológicos e comerciais. "Ela (Meloni) provavelmente está feliz por eu ter conversado com ela. Eu não tinha que falar com ela. Ela implorou a mim que tirasse uma foto com ela. Ela queria muito uma foto comigo. Eu não teria tirado, mas fiquei com pena dela", afirmou Trump, por telefone, à emissora de televisão italiana La7, transmitida ontem. A reação de Meloni veio em um vídeo publicado pela premiê nas redes sociais. "Estou perplexa. Não sei por que o presidente dos Estados Unidos age dessa maneira com seus aliados. Não é a primeira vez que isso acontece. Só posso dizer que é lamentável que ele não demonstre a mesma determinação contra os inimigos do Ocidente e as lideranças com as quais se mostra mais condescendente", disse a chefe de governo, ao denunciar declarações "fabricadas" pelo republicano. "Há uma coisa de que ele precisa se lembrar: nem eu nem a Itália jamais imploramos".

A resposta da Itália não ficou apenas no vídeo de Meloni e passou a efeitos práticos. O ministro das Relações Exteriores italiano, Antonio Tajani, cancelou a viagem a Washington, que estava marcada para ocorrer amanhã e segunda-feira. Ele classificou as declarações de Trump como "graves e ofensivas". Por sua vez, o ministro da Justiça, Carlo Nordio, denunciou uma "ferida

Eu acho...

Leonardo Puccini



"Giorgia Meloni manterá um perfil discreto e evitará novos conflitos com Trump. A relação institucional, assim como as relações econômicas, sociais, militares etc. entre a Itália e os EUA, continuará. Mas acho que agora está claro para todos os líderes europeus, e finalmente também para Meloni, que ter uma relação política verdadeiramente boa com Trump é impossível."

NATHALIE TOCCI, diretora do Instituto Affari Internazionali (em Roma), professora da Universidade Johns Hopkins

dolorosa" para as relações entre a Itália e os EUA. "Essas brincadeiras não fazem bem a ninguém", reagiu o ministro da Defesa, Guido Crosetto.

A amizade entre italianos e americanos sofreu os primeiros abalos com a guerra no Irã. Em abril, Trump tinha criticado Meloni por não se envolver no conflito. O republicano chegou a dizer que ficou decepcionado com a "falta de coragem" da chefe de governo da Itália em não aderir a uma aliança contra o regime teocrático islâmico. "Fiquei surpreso. Achei que ela tinha coragem, mas me enganei", declarou o titular da

Casa Branca ao jornal *Corriere della Sera*, de Roma. Na ocasião, Trump qualificou Meloni de "inaceitável".

Também em abril, declarações de Trump sobre Leão XIV causaram mal-estar na Itália. O presidente dos EUA referiu-se ao papa como "fraco" e "péssimo para a política externa". Meloni rebateu e chamou as críticas de Trump de "inaceitáveis". "Considero inaceitáveis as palavras do presidente Trump sobre o Santo Padre. O papa é o chefe da Igreja Católica, e é justo e normal que ele peça a paz e condene todas as formas de guerra", afirmou em nota.

Nathalie Tocci — diretora do Instituto Affari Internazionali (em Roma), professora da Universidade Johns Hopkins e ex-conselheira especial dos chefes de diplomacia da União Europeia (Federica Mogherini e Josep Borrell) — lembrou ao *Correio* que a ruptura entre Meloni e Trump havia ocorrido quando o presidente dos EUA atacou o papa Leão XIV. "Meloni apoiou o líder católico, e o americano a criticou. Ela, então, tentou (ingenuamente) fazer as pazes em Évian. Acho que, agora, a ruptura tornou-se difícil de consertar", disse.

De acordo com Tocci, nacionalistas de extrema-direita inevitavelmente acabam entrando em conflito, por definição. "Trump atacou Meloni como um populista nacionalista, ela respondeu irritada como uma nacionalista de extrema-direita", observou. A especialista afirmou ao *Correio* que não vê a possibilidade de sinceras desculpas de Trump à Itália, mas considerou "limitados" os danos às relações italo-americanas.

Palazzo Chigi/AFP



Ela implorou a mim que tirasse uma foto com ela. Ela queria muito uma foto comigo. Eu não teria tirado, mas fiquei com pena dela"

Donald Trump, presidente dos EUA

Não sei por que o presidente dos EUA age dessa maneira. Há uma coisa de que ele precisa se lembrar: nem eu nem a Itália jamais imploramos"

Giorgia Meloni, primeira-ministra da Itália

ORIENTE MÉDIO

Israel e Hezbollah concordam com cessar-fogo

Um cessar-fogo frágil passou a vigorar, ontem, entre as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o movimento fundamentalista islâmico xiita libanês Hezbollah. Pouco antes, combates no sul do Líbano ameaçaram o acordo para encerrar a guerra no Oriente Médio. Depois de anunciar a morte de quatro soldados no Líbano, Israel lançou bombardeios naquele país, que deixaram 47 mortos, anunciou o Ministério da Saúde libanês. Foi o maior episódio de violência desde o anúncio de um pacto de trégua entre Washington e Teerã esta semana. O acordo prevê um cessar-fogo "em

todas as frentes, incluído o Líbano", uma condição na qual Teerã, aliado do Hezbollah, tinha insistido para encerrar o conflito.

Um diplomata do Golfo Pérsico, que falou sob a condição do anonimato, confirmou a trégua mediada "por Catar, Estados Unidos e Irã". Logo após o anúncio, porém, a agência de notícias estatal libanesa NNA reportou um ataque israelense na cidade de Sejoud e um correspondente da agência France-Presse (AFP) ouviu tiros de artilharia na cidade de Nabatieh, ambas no sul do país.

As negociações na Suíça entre Estados Unidos e Irã para

trabalhar na direção de uma solução duradoura foram adiadas. Em telefonema com o secretário de Estado americano, Marco Rubio, o presidente libanês, Joseph Aoun, ressaltou que um cessar-fogo total deveria ser garantido para que as negociações com Israel avançassem. O Departamento de Estado americano anunciou a retomada das negociações de 23 a 25 de junho, em Washington. As discussões serão uma oportunidade para "conseguir avanços rumo a uma paz duradoura", disse o porta-voz do Departamento, segundo o qual, durante

o telefonema com Aoun, "Rubio reiterou a necessidade de desarmar o Hezbollah e restabelecer o controle sobre todo o território libanês".

Durante o dia, o premiê israelense, Benjamin Netanyahu, tinha ameaçado fazer o Hezbollah "pagar um preço muito alto" pela morte de militares israelenses e insistiu que suas forças continuariam no sul do Líbano. "Todo o Líbano deve arder", declarou, por sua vez, o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, de extrema direita, levando o chanceler iraniano Abbas Araghchi a acusar Israel de querer "guerra permanente".



Mahmoud Zayyat/AFP

Família caminha em meio a casas destruídas em Nabatieh (Líbano)

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

Tabelinha com Xi na cúpula do G7

A decisão do presidente Lula de participar do encontro do G7, na França, foi de início apresentada como um movimento para discutir com Donald Trump, olhos nos olhos, as novas medidas comerciais anunciadas pelos EUA contra o Brasil. Lá, no entanto, o roteiro saiu diferente: em vez de uma reunião, a opção foi por mandar recados. E, além das mensagens públicas e explícitas, não passou despercebida uma indireta.

Em seu pronunciamento, o presidente reafirmou a construção de uma ordem internacional multipolar e insistiu na urgência de

reformas profundas na governança global. Escolheu singularizar um aspecto que fala diretamente ao coração — e ao bolso — do magnata da Casa Branca: a regulamentação das big techs, em particular no terreno ainda nebuloso da inteligência artificial.

Dificilmente terá sido coincidência que o roteiro da fala tenha dialogado em sintonia com a do presidente da China. Cada vez mais seguro de si — e da posição global do império renascente —, Xi Jinping desfilou em Évian o recém-enunciado roteiro de Pequim para a política externa. "Global" foi o

termo escolhido para definir as linhas principais de ação.

Trilha milenar

As iniciativas enumeradas pelo líder chinês desenham o propósito de apresentar-se ao mundo como alternativa a uma mera disputa por áreas de influência e hegemonia — os acordos dominantes na (des) harmonia que pautou a Guerra Fria entre os EUA e a finada União Soviética. A primeira delas, e talvez mais incisiva, ganha o título de "desenvolvimento compartilhado".

Entre os desdobramentos, o documento mais recente de geopolítica publicado por Pequim destaca a "civilização global" e a "modernização global". O trilha que vem sendo assentado para essa construção é a Iniciativa Cinturão e Rota, mais conhecida como Nova Rota da Seda.

Saído de dois séculos de submissão a potências como a Coroa britânica no apogeu, o antigo Império do Centro investe bilhões de dólares em obras de infraestrutura, mundo afora. A meta é resgatar a trilha comercial da Antiguidade, que levou ao Ocidente — além do tecido cobinado que lhe dá nome — invenções como a pólvora e o papel.

Ambas, por sinal, ajudaram a escrever a história universal.

Showroom

Na entrevista coletiva em Évian, Lula permitiu-se um contraponto direto e uma discreta provocação a Trump — que, por sua vez, referiu-se ao Brasil como "politicamente complicado" e renovou as simpatias por "Bolsonaro Jr.". O presidente deu por aceitas "as preferências" do colega, mas

recomendou que "não se meta" na disputa pelo Planalto.

Na sequência, ofereceu-se para uma demonstração das vantagens da urna eletrônica brasileira. Não mencionou as eleições legislativas de novembro nos EUA, cruciais para a segunda metade do mandato de Trump. Mas permitiu-se classificar o voto em cédulas de papel, predominante por lá, como coisa "do século passado".

Acendeu o vermelho

Falando em urnas, duas eleições nas vizinhanças obrigam Planalto e Itamaraty a dividir atenções com a Copa.

No Peru, que teve há duas semanas o segundo turno, o anúncio oficial dos resultados deve ficar para julho. Mas, com 99% dos votos contados, parece configurada a vitória de Keiko Fujimori, que oscilou

de uma direita "convencional" para um alinhamento trumpista.

Amanhã, o tira-teima será na Colômbia. Um direitista "antissistema" e apoiado pela Casa Branca, o milionário Abelardo de la Esparilla, surpreendeu na primeira rodada e chega como favorito contra o senador Iván Cepeda, esquerdista com trajetória política consolidada e candidato do presidente Gustavo Petro, ex-guerrilheiro e aliado notório de Lula.

Confirmadas as projeções, em ambos os casos, o Planalto se debruça sobre um cenário regional desafiante, caso o presidente conquiste o quarto mandato. O mapa da América do Sul mostra um cinturão da direita trumpista em torno de Brasil e Uruguai. Abrindo a lente para o tabuleiro latino-americano, restariam como governos afins do México de Claudia Sheinbaum e Cuba, sob cerco naval dos EUA.